



Griot: Revista de Filosofia

ISSN: 2178-1036

griotrevista@gmail.com

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Brasil

Moreira, Juliana Conceição
Estudo sobre o diálogo Fédon e sua dimensão ética à luz da hermenêutica
Griot: Revista de Filosofia, vol. 12, núm. 2, 2015, pp. 240-253
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Brasil

DOI: <https://doi.org/10.31977/grirfi.v12i2.657>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=576664591016>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

UABM redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

ESTUDO SOBRE O DIÁLOGO *FÉDON* E SUA DIMENSÃO ÉTICA À LUZ DA HERMENÊUTICA

Juliana Conceição Moreira¹
Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

RESUMO:

Neste presente ensaio iremos propor elucidar que – *um estudo hermenêutico filosófico* – sobre o *Fédon* de Platão, possibilita-nos capturar a dimensão ética que envolve sua filosofia. Para tanto, teremos como protagonista Sócrates e sua perspectiva frente à morte, no presente diálogo. Platão propõe uma concepção ética que maximiza os valores vinculados ao conhecimento e fundamenta uma nova interpretação da existência humana. Procuraremos aqui explicitar e sistematizar no que consiste a postura grega de filosofar, não distante de uma *práxis* filosófica. Esta menção à busca *dialética socrático-platônica* confirmará a tese de que o *exercício filosófico por excelência*, desenvolvido no *Fédon*, nos conduz a *viver melhor* e, conseqüentemente, aponta-nos para uma reflexão distinta sobre a morte.

PALAVRAS CHAVES: Metafísica; Hermenêutica filosófica; Ética.

ABOUT *FEDON* DIALOGUE AND STUDY DIMENSION YOUR ETHICS IN THE LIGHT OF HERMENEUTICS

ABSTRACT:

This paper proposes clarifying that - a hermeneutical - philosophical study of Plato's *Phaedo* dialogue enables us to capture the ethical dimension involving his philosophy. To this end, we will have as protagonist Socrates and his perspective on death. Plato proposes an ethical conception that maximizes the values linked to knowledge and founded a new interpretation of human existence. Let us try here to explain and systematize what is the attitude of Greek philosophy, not far from a philosophical praxis. This mention of Socratic - Platonic dialectics search, will be the thesis of the

¹ Mestranda em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Rio Grande do Sul – Brasil. Bolsista CAPES / PROSUP. E-mail: julianam@yazigi.com

philosophical exercise par excellence, developed in *Phaedo*, leads to better live life and therefore, above all, points us to a distinct reflection on death.

KEY WORDS: Metaphysics; Philosophical hermeneutics; Ethics.

1.Introdução

Evidentemente, desde a Grécia Antiga, questões Éticas tornaram-se discutidas. A busca pela *ética do ser* caracteriza o legado desenvolvido pelos filósofos gregos. Não obstante, em Platão a Ética adquire ênfase na política, a partir da concepção de *Pólis*, desenvolvida no seu diálogo, extremamente reconhecido, a *República*. Todavia, para Aristóteles, o homem é um ser político e social, para este, o homem deve cultivar a “justa medida”, pois é o compêndio das virtudes éticas, pela qual são administrados os impulsos e as paixões. A justa medida se traduz em um *habitus* e, sendo assim, estabelece a personalidade moral do indivíduo. Aristóteles teoriza, deste modo, a máxima dos gregos: ‘*Nada em demasia*’.

Importante ressaltar que foi Aristóteles quem postulou um marco na história ao produzir o primeiro tratado sistemático da ética, partindo do pressuposto de que tudo de alguma forma tende para o bem, com a finalidade de obter a eudaimonia², cujo objetivo maior é identificar um bem desejado por si mesmo. Nosso dever moral consiste em desempenhar nossas funções para contemplar e compreender o conhecimento³.

Seguindo esta abordagem, a principal virtude que constitui a *sabedoria prática* é a prudência, já que consiste no controle da tomada de decisões. Contudo, Platão, a quem faremos menção neste ensaio, desenvolveu uma teoria racional sobre a constituição da alma humana (*psyche*), estabelecendo assim, de certa forma, uma supremacia e autonomia da razão sobre as emoções, os impulsos e a vontade.

A partir disso, a hipótese que buscaremos rastrear no presente artigo aponta-nos que um *estudo filosófico hermenêutico* de Platão possibilita restaurar uma *ética da práxis*, aqui em evidência no diálogo *Fédon*. Para apresentar tal proposta, em primeira estância, faz-se imprescindível uma leitura dos diálogos à luz da dialética. Essa por sua vez, nos possibilita reler Platão de acordo com a sua própria filosofia. Em segundo momento, para expormos no que consiste a postura fundamental do filósofo no presente diálogo, consideramos explanar sobre os seguintes aspectos: (1) A problemática referente ao plano *sensível* e ao plano *supra-sensível*; (2) As diversas interpretações a respeito de seu legado filosófico e a dimensão ética

² *eudaimonia* é um termo grego que, traduzido como felicidade ou bem-estar. Contudo, outras traduções têm sido propostas para melhor expressar o que seria um estado de plenitude do ser.

³ Aristóteles define esta ação como inteligência retórica mediante o exercício do entendimento prático.

que envolve sua proposta filosófica; (3) Por fim, à luz da hermenêutica filosófica de Hans Georg Gadamer, identificar uma *compreensão* que possibilita-nos modificar nossa postura, frente ao mundo.

2. FÉDON – a problemática: sensível e inteligível

Objetivamos aqui, na primeira sessão, capturar frente ao horizonte da filosofia grega, o que podemos chamar de "*práxis filosófica*". Apontamos, portanto, como exemplo, Sócrates frente à sua própria morte no diálogo platônico. A descrição do personagem Fédon sobre o que teria vivenciado, estando presente à morte de Sócrates, possibilita-nos uma reflexão de *cunho hermenêutico*, na qual a filosofia não está *desvinculada* da vida fática, ou seja, que o processo de filosofar para Platão pressupõe um envolvimento forte de quem se dispõe a *viver* a filosofia. Entretanto, as respostas que oferecemos em nosso cotidiano estão diretamente relacionadas com a estrutura viva que compõe nossa interpretação e compreensão do mundo⁴.

Dessa maneira, buscamos defender que um *exercício filosófico* não se caracteriza *apenas* por uma intensidade de coerência racional sobre um sistema *teórico*, mas, sobretudo, por um impulso da consonância entre *teoria e prática*. Nas palavras de Reale⁵, “filósofo não é quem sabe apenas pensar e construir sistemas, mas é, sobretudo, quem sabe viver e morrer em acordo com o seu sistema”.

A partir do argumento de Reale, pode-se identificar no que consiste a postura filosófica: é justamente no *Fédon* que Sócrates faz jus a essa posição na sua forma mais suprema. Por tratar-se de um diálogo pertencente à fase “madura” de Platão, encontram-se no mesmo, diversas questões complexas, entre elas, a distinção corpo/alma, sendo, portanto, uma das mais equivocadas na grande maioria das leituras sobre ele. Para apresentar nossa proposta de compreensão, vale ressaltar alguns aspectos. O fato de Platão utilizar-se da *dialética* como modo de construção escrita, pois a aceitação baseada nos argumentos racionais da imortalidade da alma possibilita-nos uma revisão dos antigos valores morais, da compreensão do homem, de si mesmo, da estrutura *ontológica* do mundo, enfim, convidam-nos a fundamentar uma nova compreensão da vida humana.

Tem-se assim, em segundo momento, o objetivo de identificar o aspecto distintivo acerca dos mundos: *sensível e inteligível*, na proposta da filosofia platônica, e de acordo com essa explanação, tornar-se-á possível também, embasar o envolvimento ético que engloba o diálogo a partir dessa definição de filosofia.

⁴ Para Gadamer interpretativo não deriva do correto e verdadeiro sentido absoluto do texto, e sim, do minucioso exame das condições existenciais em que ocorre a compreensão.

⁵ Giovanni Reale em sua obra: *Filosofias helenísticas e epicurismo* elucida a importância da *práxis filosófica* para o verdadeiro filosofar. Para o autor a filosofia antiga possuiu em sua essência este exercício.

Conforme Platão, a filosofia é a forma mais profunda de harmonizar o ser humano e o discurso que tal faz da realidade. Ao caminharmos às raízes da filosofia grega, buscamos resgatar a essência de tal filosofia, cujo princípio maior é a *práxis*, e o *exercício intelectual* que a acompanha, regularizado, por sua vez, pela ação do indivíduo. Nesse raciocínio, podemos encontrar no diálogo o primeiro indício de como exercitar o *cuidado* com a alma, Sócrates descreve:

Mas a purificação, não é de fato justamente o que diz a antiga tradição? Não é apartar o mais possível à alma do corpo, habituá-la e evitá-lo a concentrar-se sobre si mesma por um refluxo vindo de todos os pontos do corpo, a viver tanto quanto puder, seja nas circunstâncias atuais, seja nas que lhe seguirão, isolada e por si mesma, inteiramente desligada do corpo e como se houvesse desatado os laços que a ele a prendiam? (PLATÃO, *Fédon* 75d).

Ora, a definição de alma (*psyché*) no *Fédon* visa representar o *supra-sensível*, sendo possível então, através do *cuidado da alma*, o exercício filosófico. Conforme Platão, no diálogo *Leis*, (626 e): “A mais gloriosa batalha é aquela que se consegue sobre si mesmo, e a mais vergonhosa derrota é a que consiste em ser vencido por si mesmo.” Portanto, é evidente que, apenas pode saber da validade deste argumento, aquele que aprendeu a desenvolver tais cuidados com a sua própria alma (*psyché*), dito em outras palavras, o cuidado com *si mesmo*, pois nesse sentido, a alma significa total sede de inteligência.

Sobre essa colocação, infere Giovanni Reale (2004, pg. 91) quando afirma: “a conquista do conceito do supra-sensível deu novo sentido à socrática *psyché* e ao socrático ‘cuidado da alma’, deu outro sentido ao homem e aos seus destinos, outro sentido a divindade, ao cosmo e a verdade.”

Portanto, em primeiro lugar, devemos explicitar no que consiste tal cuidado para com a alma, pois, conforme exposto, se faz imprescindível, e essa por sua vez, também se caracteriza com – e – através da atividade intelectual racional. Sendo assim, em nossa abordagem sobre o *Fédon*, tal ação é caracterizada por Sócrates, todavia, além disso, esse exercício é próprio de toda filosofia platônica. Observamos que nele está contida uma ética⁶ do sujeito, conforme exposto, Giovanni Reale (2002, p. 172), afirma que: “a palavra *psyché* indica a sede dos valores intelectuais e morais”. A comparação entre corpo e “prisão” também é caracterizada no contexto do *Fédon*, pois de acordo com a descrição de Sócrates, ele está preso, segundo

⁶ Em Lima Vaz encontramos a confirmação de tal ética, pois de acordo com ele a denominação da ética Platônica é nítida, e contém todo um viés antropológico. Sobre essa questão: a obra VAZ, L. *Escritos de filosofia IV: Introdução à Ética filosófica*. p. 93 -108.

as leis da cidade, e sofrerá a mais grave punição, a morte, porém, o seu raciocínio é inverso, colocando que na verdade estava preso ao corpo:

Assim, pois, Símias, em verdade estão se exercitando para morrer todos aqueles que, no bom sentido da palavra, se dedicam à filosofia, e o próprio pensamento de estar morto, é para eles menos do que para qualquer outra pessoa, um motivo de terrores. Não seria o supra-sumo da contradição que eles, por uma parte sentindo-se de todos os modos misturados com o corpo, e por outra desejando que sua alma existisse em si mesma e por si mesma, se tomasse de pânico e de irritação quando sobreviesse a realização de seus desejos? (PLATÃO, Fédon, 75a).

De acordo com essa citação, o filósofo, portanto, necessita afastar-se de seus prazeres como os vícios, paixões e riquezas, voltando suas preocupações para o *cuidado com a alma*.

Ainda nessa perspectiva, observamos que no diálogo *Crítion* (47e-48a), Sócrates, apesar de não mencionar a palavra alma, fala de uma parte do homem a qual é distinta do corpo e que é também inferida por ações injustas e beneficiada por ações justas. Platão nos apresenta uma proposta *transcendente*, ou seja, somente quando a sua alma estiver afastada do corpo poderá com o puro raciocínio e processo intelectual *proposto pela filosofia* conhecer o que cada coisa é em si: a ideia (evidentemente aqui é possível fazer menção ao mundo sensível e inteligível).

Logo, é no diálogo *Alcibíades*⁷ I (130 e), que está exposto uma argumentação que define de certa forma essa diferença, Sócrates coloca: “[...] quando conversamos a sós, eu e tu, e trocamos ideias, são duas almas que conversam [...] quando Sócrates conversa com Alcibíades, [...] não é a teu rosto, [...] que ele se dirige, mas ao Alcibíades real, que é, antes de tudo, alma”. Nota-se que Sócrates separa o que Alcibíades parece ser - um homem belo - daquilo que Alcibíades realmente é - sua alma (*psyche*). É a *psyche* de Alcibíades encanta a Sócrates, sendo esta que ele pretende ensinar a Alcibíades a cuidar, para que *se torne senhor de si mesmo*. Neste propósito, mais uma vez no livro XV da *República*, o mito da Alegoria da caverna⁸, nos permite justificar essa distinção, pois se encontra – nessa proposta – a distinção do *aparente* para o *ser verdadeiro*. De acordo com nossa interpretação, resgatamos no presente estudo tais distinções de forma conceitual e metafórica, pois, conforme veremos em intérpretes de Platão, há possibilidades de identificar, em uma leitura autêntica, nova visão de sua

⁷ Alcibíades, nos diálogos iniciais de Platão, aparece como alguém que despertara em Sócrates o amor intelectual. O belo sensível favorece a reminiscência do belo real. Todavia, pertencente à aristocracia militar grega, Alcibíades é o resultado da falha de uma natureza (virtuosa) que sucumbe aos vícios da sociedade ateniense.

⁸ Com essa alegoria, Platão divide o mundo em duas realidades: a sensível, que se percebe pelos sentidos, e a inteligível (o mundo das ideias).

proposta filosófica. É, sobretudo, para além de um mero dualismo, conforme é equivocadamente interpretado, que iremos justificar nossa releitura.

3.Sua dimensão *Ética-prática*

Com base nessa explicitação, buscamos aqui recolocar e alcançar a dimensão *Ética* que envolve os diálogos Platônicos, especificamente, o *Fédon*. Sabemos que a prática do diálogo desenvolvida na academia representava a razão intrínseca e a característica totalmente ética da sua filosofia. Pierre Hadot, em sua obra: “*O que é a filosofia antiga?*”, define essa dimensão de diálogo, que os interlocutores escolhem partilhar como uma escolha de vida⁹.

Elucidamos o questionamento principal, fato é que o *Fédon* possui no seu bojo uma implicação prática – de natureza ética – que é tão importante, ou mais, que a questão *metafísica* também desenvolvida. Essencial enfatizar, conforme já exposto na sessão acima, que a nossa proposta de releitura de Platão não busca defender a visão de “dualismo” e tão pouco a imortalidade da alma, nossa investigação parte de uma interpretação dialética e que está em busca de uma compreensão geral, levando em consideração desde o contexto da época, até o modelo de escrita. De acordo com Gadamer (1983, p. 22), Platão:

Coloca Sócrates e seus amigos para conversarem sobre o caráter misterioso da morte e leva-os a admitir que, apesar de todas as provas da imortalidade, por convincentes que possam ser a criança em nós não cessa de temer a morte. [...] Parece claro que, apesar da inadequação de todas essas provas, elas possuem uma espécie de ordem lógica e demonstram um grau cada vez maior de persuasão, mas igualmente claro parece que, em última instância, esses argumentos devem ser pensados tão-somente como exposições de uma assunção e não como demonstrações conclusivas.

Em seu artigo “*The Proofs of Immortality in Plato’s Phaedo*,” Gadamer salienta que uma real leitura dos diálogos Platônicos não deve jamais perder de vista o caráter mimético dos mesmos, isto é, não deve esquecer que se trata sempre de uma apresentação poética – *um diálogo* – e, portanto, deve ser compreendido de forma dialética. Frente a este fato, já é possível objetivar aqui uma leitura *hermenêutica filosófica*, tendo em vista a

⁹ “Graças ao seu esforço sincero, os seus interlocutores descobrem, por eles mesmos e neles mesmos, uma verdade independente deles, na medida em que se submetem a uma autoridade superior, o logos”. REALE, Giovanni. *Para uma nova interpretação de Platão*. 2. Ed. Tradução Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2004. p. 100.

defesa de que *viver* a filosofia implica em um viver *melhor*, e, sendo assim, aquele que pôr a sua vida a essa máxima, conseqüentemente, possuirá uma postura mais sábia ao encarar a morte.

Todavia, tal *exercício* de reflexão abre espaço para compreender uma questão a mais que está no cerne de toda discussão: é possível a consciência da finitude, ou seja, a *morte* ensinar-nos a viver de forma autêntica? Muito além de validar tal colocação, o intuito é compreender que a alma, segundo Platão, é semelhante às ideias e ontologicamente distinta do corpo, sendo importante salientar que toda essa concepção de alma, alimenta-se, de certa forma, do orfismo¹⁰.

Assim, posto isso, argumenta Platão: (PLATÃO, Fédon, 93c): “E quanto à espécie divina, absolutamente ninguém, se não filosofou, se daqui partiu sem estar totalmente purificado, tem o direito de atingi-la, a não ser aquele que é amigo do saber”.

Ora, postulamos e defendemos que a filosofia ou a atitude filosófica exige o exame completo da própria existência, pois, como diz na *Apologia* (38 a): “A vida sem exame não merece ser vivida”. Tal atitude perpassa, indubitavelmente, na inclusão e problematização da morte, pois nada deve ser desconsiderado, ignorado ou omitido pelo raciocínio crítico de filosofar. Além disso, como se evidencia no *Fédon*, o filósofo, conforme é descrito, deve se distanciar daquilo que a maioria dos homens considera o mais importante, a saber, o reconhecimento de riquezas, de sua glória. Diferente disso, ele deve aplicar seu *desprendimento* das coisas que compõem o mundo material.

O engajamento ético do filósofo que cuida de sua alma é muito claro em Sócrates, tal experiência não é – apenas – racional ou teórica, mas antes, é uma prática vital. Para ele, a busca pela verdade consiste na vivência da filosofia como forma de vida, e nisto consiste um olhar para si mesmo, reflexões acerca da própria postura como sujeito. A este respeito, Pierre Hadot nos traz contribuições importantes:

No fim das contas, após ter dialogado com Sócrates, seu interlocutor toma distância em relação a si mesmo, desdobra-se, uma parte de si mesmo identificando-se, de agora em diante, com Sócrates no acordo mútuo que este exige de seu interlocutor em cada etapa da discussão. Opera-se nele uma tomada de consciência de si; ele se põe a si mesmo em questão. (HADOT. 2002 p. 55-56).

Ocorre que nesta perspectiva, o que caracteriza a dimensão ética é justamente o filosofar como exercício diário, para superar a si mesmo, e

¹⁰ Grego antigo: Ὀρφικά: Conjunto de crenças e práticas religiosas que influenciou o mundo grego helenista. Também associada com a literatura atribuída ao poeta mítico Orfeu.

para não cair em um julgamento superficial sobre o mundo, e assim escolher virtudes certas e fundadas sobre raciocínios melhores estruturados. Conforme já estabelecido, um pressuposto fundamental da verdadeira filosofia, segundo Platão, é a diferença exposta entre filósofo sábio e filósofo aparente, entre aquele que se esforça para conhecer e *viver a verdade*, a unidade, a beleza e aquele que se atém apenas ao estilo persuasivo. Logo, o discurso filosófico precisa ser subordinado à vida filosófica. O filósofo, na medida em que busca através do cuidado de sua alma a verdade, visa o bem, e irá obter assim, uma vida virtuosa.

Com o pressuposto acima, justificamos o exercício filosófico como uma busca a justiça, o bem, a verdade e do agir de forma correta. O cuidado da alma é a fuga de necessidades supérfluas, conforme é posto no *Fédon*:

Os que, no exato sentido da palavra, se ocupam com a filosofia, permanecendo afastados de todos os desejos corporais sem exceção, mantendo uma atitude firme e não se entregando as suas solicitações. A perda de seus patrimônios, a pobreza, não lhes infunde medo, como à multidão dos amigos das riquezas; e, da mesma forma, a existência sem honrarias e sem glória, que lhes confere infortúnio, não é capaz de atormentá-los, como faz aos que amam o poder e as honras. (PLATÃO, *Fédon*, 94d)

Sob esta perspectiva, a sabedoria não acarreta o domínio e acúmulo de conhecimento, de informações, mas, sobretudo, sua *vivência*. Ou seja, para Platão é preciso exercer a sabedoria na *práxis*, onde a reflexão filosófica provoca a reação de viver melhor, adotando assim, um estilo de vida. É clara a postura do verdadeiro filósofo, este vive a verdade, a bondade, a unidade nas mínimas coisas. Filosofia não é apenas uma questão de conhecimento, mas de postura, de prática, e implica uma opção de viver de modo autônomo e responsável conforme aponta Hadot:

Na *Carta VII* Platão declara que, caso não se adote esse modo de vida, a vida não vale a pena ser vivida, e isso porque é necessário decidir-se imediatamente a seguir essa ‘via’, essa via maravilhosa’. Esse gênero de vida supõe, ademais, um esforço considerável, que é necessário a cada dia renovar. (HADOT, 2004. p. 103)

Segundo o argumento de Hadot, identifica-se a filosofia como uma conversão, isso se torna claro ao ser exposto no diálogo, pois a temperança, a justiça, a força e a própria sabedoria são exercícios práticos.

Contudo, corroboramos a forma como o verdadeiro filósofo é descrito no *Fédon*, tendo uma postura feliz, segura e nobre, assim como Sócrates: “Eis que deve pensar meus companheiros, um filósofo; se realmente é filósofo; pois nele há de existir a convicção de quem parte

alguma, a não ser num outro mundo, poderá encontrar a pura sabedoria”. (PLATÃO, *Fédon*, 76b).

Dito isso, é possível capturar aqui o agir de maneira tranquila de Sócrates. Tal desenvoltura justifica-se pelo fato do mesmo acreditar que o fim não irá aniquilar todo seu “exemplo” diante o mundo, ao contrário, viveu de acordo com a sua filosofia, e por este motivo, foi de forma *autêntica e verdadeira*. O exercício filosófico proposto pelo *Fédon*, o qual defendemos neste artigo, é um exercício de reflexão sobre o sentido da morte para a própria vida. Esse é também um exercício do cuidado de si conforme Hadot argumenta: “não se deve esquecer, apesar dos clichês tenazes que se reproduzem sempre nos manuais, que a vida filosófica antiga sempre foi intimamente ligada ao cuidado do outro e que essa exigência é inerente à vida filosófica.”, (HADOT, 2004, p. 394.).

Ampliando-se a questão, o cuidado de si presente na filosofia Socrática resgata-nos a dimensão de como a filosofia possibilita um conhecimento a respeito do próprio sujeito, e assim, transforma tal maneira de ver a vida. Trata-se de um *exercício filosófico*, buscando um alimento diário e sistemático. O *exercício* proposto pela vida e pela morte a partir do *Fédon* apresenta-nos essa compreensão, resgatando uma dimensão ética capaz de modificar o sujeito que se atém, em ler-se na dialética platônica.

4.O exercício hermenêutico filosófico sobre o *Fédon*

No que tange ao *Fédon*, é fato que Platão procura na sua filosofia resgatar uma forma de vida, na qual teoria e *práxis* buscam caminhar em consonância conforme já foi enfatizado ao longo do ensaio. O problema do *Fédon* é que nos coloca diante da morte¹¹ e da imortalidade da alma¹², que seria, então, a chave para compreender o mundo das ideias e o pilar da teoria platônica. Nesse sentido, como bem explicitamos, nosso estudo busca traçar um exercício filosófico hermenêutico, para capturar uma *nova perspectiva*, essa, sobretudo, acerca da questão principal: a morte. Porém, nos detemos aqui para compreender e reler o *Fédon* a fim de resgatar o que está para além dessa dimensão da imortalidade, visando, ao contrário, a finitude da própria vida.

Postulamos que o *Fédon* foi produzido para iniciar os jovens discípulos de Platão no tema da imortalidade da alma e, ao mesmo tempo,

¹¹ Gadamer nos lembra de que o diálogo *Fédon* inicia com um motivo homérico: o motivo da morte e do que há depois dela. Motivo o qual recorda as cenas da viagem de Ulisses ao Hades.

¹² Esse sentido de alma para os gregos antigos se faz importante em nossa compreensão. Gadamer irá analisar essa concepção de alma e irá apontar que os argumentos apresentados no *Fédon* se desenvolvem dentro de uma tensão teórica que deriva da dupla função da alma como princípio de vida e consciência. G. REALE, *História da Filosofia Antiga* vol.2: Platão e Aristóteles. São Paulo, 1994. p.204.

oferecer uma meditação *ética a respeito da morte*. Como bem explica o estudioso Christopher J. Rowe: “O *Fédon* pode ser lido como uma representação dramática da atividade filosófica que propõe a arte da discussão séria. Seu objeto explícito é a morte, mas seu centro é a pergunta sobre como a vida tem que ser *vivida*”¹³.

Aqui é Sócrates a própria figura da postura filosófica suprema: a aceitação da morte como supremo ato filosófico¹⁴. Se na *Apologia* (28e), Sócrates afirma “que passou a vida submetendo-se a exames por si mesmo e pelos outros, na prisão ele continuará fazendo o mesmo, com tranquilidade participativa e rigor intelectual, oferecendo a seus companheiros”. De acordo com o autor Rowe, “o grande e independente interesse estava não tanto no destino de Sócrates, mas na sua elevação e grandeza diante desse destino: é isso que passa a impressão persistente de tragédia”. Acreditamos, portanto, que a imagem literária de Sócrates inserido em um clima sobrestado entre a vida e a morte, tenha sido escolhida por Platão para que os discípulos da Academia entrassem em certa disposição filosófica. É Gadamer quem afirma, por exemplo:

Como Nietzsche tão bem expôs, a figura da morte de Sócrates tornou-se o novo ideal ao qual a juventude mais nobre dos gregos se dedicou em vez do ideal heroico antigo, Aquiles. Portanto, o poder poético do *Fédon* de convencimento é mais forte do que seu poder argumentativo de prova. (GADAMER, 1980. p. 22)

De acordo com a interpretação de Gadamer, o propósito maior na leitura do *Fédon* e dos diálogos Platônicos consiste em nunca fechar para uma interpretação rigorosa, lógica e absoluta, pois tal proposta filosófica possui no seu alento a abertura maiêutica *dialética*, e é esse o cerne para uma leitura mais original de Platão.

De modo mais contundente, é no exercício ético que a alma se separa do corpo. É importante entender essa tensão *dialética* entre a *morte metafórica* e a morte física que Platão proporciona ao leitor.

O que a figura de Sócrates pretende defender, não é somente à coerência lógica que sustenta sua teoria, mas também a perspectiva libertadora que os discípulos partilham, uma vez que acreditam na necessidade filosófica de enfrentar “a morte em vida”, isto é, a “separação” entre *psyché* e corpo. Ora, Platão coloca o quão necessário é proporcionar

¹³ Cf. ROWE, Christopher J. *Il Simposio di Platone*. Cinque lezioni con un contributo sul Fedone. Auflage: Academia Verlag, 1998, p. 71.

¹⁴ “Um monumento a Sócrates: esta é a primeira impressão que se guarda do *Fédon*. Somente no discurso de Alcibiades, em O Banquete, a descrição será novamente tão pessoal. Para o autor, o grande interesse estavam não tanto no destino de Sócrates, mas na sua elevação e grandeza diante desse destino: é isso que passa a impressão persistente de tragédia”. NATORP, Paul. *Teoria das ideias de Platão*. Uma introdução ao idealismo. São Paulo: Paulo, 2012, p. 281.

aos discípulos motivações que expliquem claramente como e porque suas almas sobreviverão a essa situação difícil. É preciso explicar-lhes que elas não irão aniquilar-se, mas que, ao contrário, viverão conhecendo as coisas divinas que lhes são congêneres, a respeito disso, Hans Georg Gadamer comenta:

Não se deveria nunca esquecer que no caso da “demonstração” de Platão trata-se de um mero estágio da exposição dialógica, a qual mais profundamente concerne não à imortalidade, absolutamente, mas mais ao que constitui o verdadeiro ser da alma – não a respeito de sua imortalidade ou mortalidade, mas a sua vigilante compreensão de si mesma e da realidade. (GADAMER, 1980, p. 29)

Diante disso, entre a morte física – ponto culminante da vida humana – e a postura de uma vida filosófica, estabelece-se certo nexo de causalidade. Resgatamos do *Fédon* um *exercício hermenêutico*, ao passo que é possível, através de reinterpretações, alcançar nosso objetivo maior, sobretudo, elucidando a postura ímpar de Sócrates, o qual atribui o exercício próprio do filósofo que assume as feições relativas à atividade intelectual e, por consequência, às ações que se pautam por essa atividade.

Lembrando que a linguagem do *Fédon* se dá de forma textual dialógica, além de dramática, torna-se o ponto principal para uma compreensão mais abrangente, afinal, Platão não estava preocupado em escrever tratados filosóficos, menos ainda que seus diálogos fossem relidos buscando a verdade absoluta perante as linhas, pois o que está em jogo é o modo dialético ao qual se apresenta seus diálogos e, nesse ponto, a linguagem precisa ser compreendida, tendo em consideração todo o contexto, afinal, nosso exercício aqui visa não decifrar o conceito de cada palavra, mas o que esta para além disso.

O que nos propõe Gadamer¹⁵ entre outros intérpretes é justamente essa busca em ir além do conceito, em um caminho circular, sem desconsiderar todo o restante. Nesse sentido, ele também afirma que ao abordar a relação “*linguagem – logos*”, questão sobre a qual se debruça toda a filosofia grega, enfatiza que o conhecimento de que a palavra é somente nome, ou seja, não representa verdadeiramente o ser, é isso que se faz imprescindível na leitura *dialética dialógica* de Platão.

Nesse sentido, segundo ele: “É essa brecha que abre a pergunta filosófica. Crer na palavra e duvidar da palavra caracterizam o estado da questão onde o pensamento da ilustração grega via a relação entre palavra e coisa.” (GADAMER, 2008, p. 524).

¹⁵ Na sua obra *Incapacidade para o diálogo*, Gadamer traz a tona essa questão de compreender para além do conceito, propondo também o caminho inverso, se realmente quisermos caminhar na direção de uma compreensão filosófica.

Essa sequência de interpretações convida-nos a defender nossa proposta inicial, um *exercício ético* envolve o diálogo *Fédon*. Não menos importante, a nossa leitura *hermenêutica* também corrobora com a dimensão prática. Por de trás de toda filosofia platônica, existe um ponto que merece ser revisto e recriado, possibilitando-nos discernir e ampliar horizontes no que diz respeito a como agir no mundo. Recapitulando, o cuidado de si compõe nosso modo de ser.

Outro aspecto importante a destacar é o fato de as *doutrinas não escritas* influenciarem o modo de compreender os diálogos, posto que, sobre as questões de maior valor e o seu verdadeiro pensamento, Platão nada escreveu. Não pretendemos abordar a *consistência* desses estudos e seus desdobramentos, porém, ainda assim, seus escritos são muito importantes, pois constituem a via essencial para compreender e deixar suas reflexões, deste modo, temos acesso aos seus pensamentos e intenções. Para Santos (1998, p. 10): “Em várias obras, o mestre Ateniese deixou expressa a desconfiança com que encarava a redução da reflexão filosófica à escrita, nomeadamente na forma de composição de tratados”.

Acrescentamos também este dado, pois, conforme estudiosos de Platão, as obras dialógicas devem ser relidas, diferentemente de outras obras filosóficas, ou seja, distintas de obras com conceitos e definições precisas. Sendo assim, as leituras platônicas devem ser feitas com certo cuidado, pois os diálogos são escritos em meio a um contexto, uma trama. Dentre vários pontos destacados na descrição de um texto platônico, vemos que é uma necessidade se basear para o plano sobre o qual Platão escreve um diálogo.

Na visão de Santos (1998, p. 36): “Para que todos esses elementos, de diversa natureza, harmoniosamente, se conjuguem na finalidade única da promoção do saber, há ainda que enquadrá-lo na narrativa dramática, que serve de base ao diálogo”. Sócrates, no *Fédon*, mostra-nos certo apelo para viver de forma que seja possível refletir de modo mais adequado no viver, e, conseqüentemente, morrer. É essa consciência de finitude que nos permite avaliar a forma como agimos frente ao mundo e com os outros, ora diz Sócrates: “A alma, com efeito, nada mais tem consigo quando chega ao Hades do que sua formação moral e seu regime de vida.”. (PLATÃO, *Fédon*, 121d).

Por fim, é possível afirmar que uma conduta que se deixa reger pela racionalidade possui grandes chances de constituir o modo verdadeiro de cuidar da alma.

Conclusões

Segundo o que foi possível extrair do pensamento platônico, elucidamos a apresentação de uma fundamentação ética dialógica presente como background em sua filosofia, sendo assim, percorremos o diálogo *Fédon* a fim de identificar além de uma possível dimensão ética, também

um viés hermenêutico, esse por sua vez, com base em alguns intérpretes. Percorrendo tal caminho, conseguimos explicitar de que forma a filosofia platônica nos permite uma *modificação filosófica* no sujeito que a experimenta.

Assim, de acordo com tal perspectiva, foi feita em primeiro momento uma reflexão à luz da dialética, com o fim último de suscitar uma possível sincronia com *práxis e teoria*, tendo como base a postura socrática na presente obra. E em segundo momento, tornou-se possível sistematizar que a proposta de reler Platão em forma *dialética dialógica* corrobora com a nossa tese, na qual é possível encontrar o seu aspecto ético, para além da própria escrita. Concluimos, ainda, que as diversas interpretações sobre Platão sustentam-se como experiências autênticas de leitura, e por fim, em um estudo que chega ao seu ápice por caracterizar-se como *exercício hermenêutico filosófico*.

Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 2. Ed. Editora Universidade de Brasília. 1985
- Cf. ROWE, Christopher J. *II Simposio di Platone*. Cinque lezioni con un contributo sul Fedone. Auflage: Academia Verlag, 1998, p. 71.
- GADAMER, H.G. The proofs of immortality in Plato's Phaedo. In: GADAMER, Hans Georg. *Dialogue and dialectic: eight hermeneutical studies on Plato*. New Haven, CT: Yale University Press, 1983. p. 21-38.
- GADAMER, H.G. "A incapacidade para o diálogo". In: _____. *Verdade e Método II*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 242-252.
- GADAMER, H. G. *Verdade e Método I* – Traços fundamentais de uma hermenêutica. Filosófica. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HADOT, Pierre. *O que é filosofia antiga*. São Paulo: Loyola, 2004.
- PLATÃO. *Apologia de Sócrates/ Críton*. Tradução do grego, Introdução e notas de PULQUÉRIO, Manuel de Oliveira. Lisboa: Edições 70, 2009.
- PLATÃO. *Carta VII*. Trad. José Trindade dos Santos. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2008.
- PLATÃO. *Diálogos: O banquete, Fédon, Sofista, Politico*. Trad. José Cavalcante de Souza e outros. Globo S.A, Porto Alegre, 1972.
- PLATÃO. *A República*. Tradução de Ana Lia A. A. Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- REALE, Giovanni. *Filosofias helenísticas e epicurismo*. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2011.
- REALE, Giovanni. *Para uma nova interpretação de Platão*. 2. Ed. Tradução Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2004.
- SANTOS, José Trindade. *Fédon de Platão*. Queluz: Alda, 1998.

SZLEZÁK, Thomas Alexander. *Ler Platão*. Trad. de Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2005.

VAZ, L. *Escritos de filosofia IV: Introdução à Ética filosófica*. São Paulo: Ed. Loyola, 2000 p. 93 -108.

NATORP, Paul. *Teoria das ideias de Platão*. Uma introdução ao idealismo. São Paulo: Paulo, 2012, p. 281.